

Um anti-Édipo desacelerado?

A máquina capitalista e as metafísicas ameríndias canibais

Gabriel Araújo Pacheco ¹

RESUMO: O escrito busca aproximar-se de algumas leituras feitas da obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari, *O anti-Édipo*, tais como o aceleracionismo e, sobretudo, a aproximação da obra com as teorias ameríndias e suas metafísicas e conceitos. Desde o problema central do capitalismo e do socius que se desenvolve nele, primeiramente se relata um pouco sobre a teoria dos aceleracionistas para, depois, com mais intensidade, desenvolver-se uma leitura ‘desaceleracionista’, aproximando-se da teoria de Eduardo Viveiros de Castro, a partir de *Metafísicas Canibais*. Num último momento, discute-se sobre questões teóricas que nascem do diálogo entre *O anti-Édipo* e as teorias ameríndias e ainda sobre a questão prática ambiental, que surge como problema importante da contemporaneidade.

Palavras-chave: O anti-Édipo, capitalismo, Desaceleração, ameríndios, questão ambiental.

ABSTRACT: This article seeks to approach some readings of Gilles Deleuze and Félix Guattari's work, *The Anti-Oedipus*, such as accelerationism and, above all, the approximation of the work with Amerindian theories and their metaphysics and concepts. From the central problem of capitalism and the socius that develops within it, we first look at the theory of the accelerationists and then, more intensely, develop a 'decelerationist' reading, approaching the theory of Eduardo Viveiros de Castro, starting with *Metafísicas Canibais*. Lastly, we discuss the theoretical issues that arise from the dialog between *The Anti-Oedipus* and Amerindian theories, as well as the practical environmental issue, which emerges as an important problem in contemporary times.

Keywords: The anti-Oedipus, capitalism, deceleration, Amerindians, environmental issue.

¹ Graduado/Licenciado em Filosofia, pela Universidad Católica de Córdoba (Argentina), mestrando do curso de Filosofia, pela Universidade de Brasília.

“Há muitos mundos no Mundo. Dizíamos que temos muito que aprender com esses povos menores que resistem em um mundo empobrecido, que nem sequer é mais o seu”

(Eduardo Viveiros de Castro e Deborah Danowski)

INTRODUÇÃO

O presente texto tenta partir de problemas teóricos e reais, relacionados à filosofia e também em suas conexões e relações com ciências afins, como é o caso da Antropologia, Psicanálise e Economia Política.

A questão central que mobiliza o início deste escrito é aquela relacionada à influência que se desenrolou, em várias correntes, da obra do filósofo francês Gilles Deleuze e do psicanalista francês Félix Guattari, *O anti-Édipo*. Veremos que, pelo menos, duas correntes/pensadores tomam esta obra importante e seguem caminhos divergentes, mostrando assim a potência de pensamento contida na obra do autor duplo do ano de 1972.

Partimos de uma convicção e de um dado de que o capitalismo, sendo pano de fundo real de toda teoria e realidade social, é um problema a ser questionado, e a partir disso seguimos para as leituras do movimento que deseja acelerar os processos capitalistas para sair do problema, e de outros movimentos que parecem sugerir uma espécie de desaceleração do capitalismo e de reconciliação entre as espécies.

Assumimos, com mais intensidade, uma aproximação maior com a proposta da desaceleração, acreditando que a aliança com os povos menores, os oprimidos e quase destruídos pelo sistema, é capaz de apontar saídas de futuro que, por serem marginais, não são às vezes consideradas.

Além disso, destacamos também algumas questões teóricas e práticas que se desenrolam a partir da trama e do diálogo entre *O anti-Édipo* e essas correntes, como é o caso do tema da relação e diferença entre Filiação e Aliança, e a questão ambiental que tende, na atualidade, a ser temática de agenda, já que se trata de uma urgência não só para a Filosofia, mas para a humanidade em geral.

REFLEXOS D'O ANTI-ÉDIPO: SOBRE SOCIUS E CAPITAL

“O anti-Édipo é o resultado, com efeito, de um prodigioso esforço para pensar diferentemente” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 113)

A obra de autor duplo, escrita com o impulso e sob os ventos provenientes dos eventos do Maio Francês de 1968, é um livro plural, que não versa somente sobre filosofia e psiquiatria, mas que é transversal a outras áreas do conhecimento. *O anti-Édipo*, lançado em 1972, surge para mobilizar muitos dos que vem posteriormente, e influencia, de forma profunda, o pensamento contemporâneo; “era um livro inquietante, dispersivo e sedutoramente ambíguo” (BACKET, 2017).

Nesta tentativa de ensaiar ideias e conectar conceitos e autores, podemos dizer que na obra dos dois franceses há um tratamento especial sobre a organização social (relações), o socius, e uma crítica a todo o aparato até então reproduzido para interpretar tal organização.

As máquinas desejanter, presentes na obra, representam a força dos fluxos de desejo que escapam às *armadilhas* que tentam capturar e controlar as energias, através de axiomas e complexos. Todo o recalque e o controle operado sobre as forças devem ser liberadas para que as linhas de fuga dos desejos possam se desenvolver livremente. É a liberdade daquele esquizofrênico que passeia, livre, sem subordinações controladoras:

“No seu passeio, ao contrário, ele está nas montanhas, sob a neve, com outros deuses ou sem deus algum, sem família, sem pai nem mãe, com a natureza. O que deseja meu pai? Ele pode oferecer-me mais? Impossível! ‘Deixem-me em paz’. Tudo compõe máquina”. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 12)

O capitalismo, sistema de organização social mais potente em nossos tempos, deve ser, de certa forma, um ponto de partida para essa análise. “Deleuze e Guattari, em dois volumes, fazem a releitura das análises econômico-políticas e também psicanalíticas à luz do capitalismo e de seu desenvolvimento” (Cf. GUÉRON, 2020, p. 83). *Capitalismo e Esquizofrenia* é uma grande busca na aventura de poder compreender problemas ligados às relações sociais de produção, perguntando-se “pelo que é determinante para a constituição de um *socius*, isto é, dessas relações” (GUÉRON, 2020, p. 84).

Algo próprio do capitalismo, e do qual Marx comenta em alguns de seus escritos, é a questão do excedente e do acúmulo, essenciais para a sobrevivência do capital. Deleuze e Guattari vão afirmar que esse excedente, que na visão capitalista é posterior à produção, é um dado desde sempre: há excedente em todas as partes; “o excedente seria assim um dado da matéria como matéria viva, pura produção; algo anterior até mesmo ao surgimento das relações sociais” (GUÉRON, 2020, p. 90). Desse excesso, que transborda ao sistema, vamos tratar nas próximas páginas.

DUAS CARAS DE UMA FICÇÃO/FÁBULA

O trabalho desenvolvido e a investigação empreendida neste tempo consistem em descobrir aquela ficção que parte do desejo de um antropólogo de reler *O anti-Édipo* sob um novo viés. Eduardo Viveiros de Castro, pensador da etnologia amazônica, afirma que sua obra, *Metafísicas Canibais*, é uma forma de expressar uma ficção que não foi composta nem concluída, uma ficção que, inspirada naquela obra basilar que é *O anti-Édipo*, seria uma espécie de Anti-Narciso: “O Anti Narciso seria uma experiência de pensamento e um exercício de ficção antropológica... A ficção consiste em tomar as ideias indígenas como conceitos e em extrair dessa decisão suas consequências” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 217).

Muitas são as leituras que, mobilizadas pela obra francesa, vão abrir caminhos novos em diferentes áreas do conhecimento, inclusive as duas que nos aproximamos aqui, que é a leitura aceleracionista (a seguir) e essa aproximação, diríamos, canibal, indígena e amazônica.

Um ato prodigioso de pensar diferentemente, criar ficção, fabular; abrir possibilidades de linhas possíveis, abertas e livres.

“Fabular, assim eu entendo, é um tráfico entre passados e futuros, entre catástrofes – os colapsos do passado no presente – e anástrofes – os colapsos do futuro no presente. Fazer teorias é conjurar catástrofes e anástrofes, conciliar memória e vidência, resquícius e presságios. Fazer parábolas é espalhar iscas que intensificam sensibilidades; elas trazem aquilo que percebíamos de maneira embotada à flor da pele” (BENSUSAN, 2020, p. 89-90)

As fábulas ameríndias, inspiradas nos mundos e realidades dos tantos personagens que povoam espaços e tempos, demonstram que o pensamento e os desejos, as relações e os intercâmbios são múltiplos e diversos; pluralidade maquínica que produz novas histórias, novos relatos: “os espectros ciborgues plurais são, portanto, a multidão dos animismos que se regeneram e se tornam outra vez disponíveis para a convicção e a persuasão. Pensar de uma maneira animista coordena de modo diverso toda relação que os humanos mantêm com o resto do mundo, já que os animismos são uma instância de propagação de protagonismos” (BENSUSAN, 2017, p. 16). O Anti Narciso, como também, posso afirmar, o *aceleracionismo*, são dessas ficções que, mobilizadas pelas forças atuais, tentam enfrentar problemas, com propostas distintas, com modos diferentes de encarar as perguntas, porém, às vezes, a partir de ideias comuns; ambos bebem dos conceitos ou imagens de *Capitalismo e Esquizofrenia*, de algum modo e a seu jeito.

E O CAPITALISMO? UM PROBLEMA, OUTRAS ‘RELAÇÕES’

“Capital is not an essence but a tendency, the formula of which is decoding, or market-driven immanentization, progressively subordinating social reproduction to techno-commercial replication. All transcendent criteria are obfuscations which miss their purported 'object'.” (LAND, 2011, p. 339-340)

Partir do pressuposto de que o capitalismo sempre existiu e sempre existirá, acredito que pode ser um equívoco. Pode ser que desde muito tempo e ainda por muito tempo ele será um plano sobre o qual tudo se relacionará, porém, não sendo substância, mas tendência, que imanentiza em favor de si um conjunto de relações, a fim de que sobreviva e se mantenha como sistema maior. Como Nick Land, um dos nomes centrais do movimento aceleracionista, afirma, o capitalismo opera, e é um sistema que dismantela as relações e ataca as sociedades.

Os mecanismos de mercado, os trâmites econômicos e as necessidades criadas fazem com que os corpos sejam codificados e controlados, já que, controlando-se os desejos e criando novos modos de socius, relações sociais, o sistema progride.

“O processo de codificação que constitui o socius se caracteriza pela introdução de um elemento de ‘improdução’ - ou de ‘contraprodução’ - no processo produtivo; esse elemento é a dívida, a falta, a culpa. Controlar os meios de produção, para usar uma expressão cara ao marxismo, seria também, de certa forma, impedir que uma série de fluxos produtivos que poderiam desorganizar as estruturas sociais viessem a acontecer.” (GUÉRON, 2020, p. 91)

Nas fábulas que criam histórias e tentam interpretar a situação atual das relações de sociedades, um personagem, que é o Capital, sempre está presente, invisível, misterioso, porém astuto e poderoso. Como Bensusan afirma, em uma de suas criações:

“Minha fabulação é sobre o capital, este personagem principal da cosmopolítica atual. Talvez eu quisesse dizer que me interessa uma espécie de metafísica do capital ou que eu me pergunto sobre a ontologia do capital. Afinal, ele é um elemento cada vez mais salientemente ubíquo e um ingrediente importante do estado do que é concreto no momento. (BENSUSAN, 2020, p. 90)

O capital é avassalador, destruidor, ao mesmo tempo que conquistador, convencedor atraente. Ele passa por tudo, transforma e influencia, é “transversal - é econômico tanto quanto psíquico, incide sobre o desejo como incide sobre as instituições, é geológico como é sideral. É também o pesadelo de toda formação social como consideram Deleuze e Guattari *n’OAnti-Édipo*. O pesadelo também talvez da formação social dos minérios, dos sedimentos, das estrelas e das moléculas” (BENSUSAN, 2020, p. 95).

O capitalismo é sujo, esperto, já que, sendo o pesadelo de todo *socius*, desterritorializa formações sociais para instaurar, nelas mesmas, os seus objetivos e suprir suas necessidades de sistema (reterritorializa e recodifica). O sistema, da abundância e dos excedentes produzidos que controlam os fluxos, cria, concomitantemente, a escassez que mantém seu funcionamento: ele precisa “gerar escassez imposta, a fim de manter-se vivo” (SHAVIRO, 2014, p. 286)

Mas outras relações são possíveis, outras velocidades, outros modos e intensidades motivados por outros fluxos. Exercício da alteridade que entra no sistema, do Outro que sempre traz o problema.

ACELERAR? SOBRE O ACELERACIONISMO BRITÂNICO

O primeiro rosto de alternativa ao sistema do capitalismo é o aceleracionismo, que, na verdade, não o substitui, mas, de certa maneira, deseja subversão. “Os aceleracionistas deixaram de ser apenas um dispositivo ficcional para se consolidarem num movimento intelectual: uma nova maneira de pensar sobre o mundo contemporâneo e seu potencial” (BACKET, 2017); porém não podemos dizer que, de certa forma, a ficção da proposta segue sendo sua força mobilizadora.

O aceleracionismo surge com pensadores britânicos e tem como figura central o filósofo Nick Land, que citamos anteriormente. Land era professor de Warwick, nos 90, mas decide abandonar a academia.

“Land empurra a esquizofrenia desterritorializante de Deleuze & Guattari ao máximo, enquanto joga para escanteio a retórica anticapitalista. Em vez dela, Land celebra a desterritorialização absoluta como uma libertação, até o ponto da desintegração total e morte. Ele vê o capital como uma força alienígena que extrapola e rompe o humano; mas ele celebra essa força destrutiva (enquanto marxistas a denunciam, e os defensores do capitalismo negam que seja o caso). Land oferece uma visão própria da ficção científica para o capitalismo. Mas ele coincide a sua posição com a do capital – alinhando-se contra os seres humanos e qualquer outro tipo de vida orgânica. Isto assume a monstruosidade do capital com os conceitos de corpo sem órgãos ou socius. Mas nós precisamos mesmo, por conseguinte, coincidir com o capital, contra nós mesmos?” (SHAVIRO, 2014, p. 289)

Land, como afirma Shaviro, segue os passos do autor duplo *d’O anti-Édipo* e o leva a um extremo, até o ponto de, colocando-se ao lado do capital, pôr-se também contra a vida e o humano. Com Shaviro podemos nos perguntar até que ponto tal extremismo não pode ser prejudicial. Claro que devemos assumir uma posição, posto que o transhumanismo e outras correntes assumem também tal postura, porém podemos assumir, contra o capital, uma posição que, sem ser o Humanismo potente dos modernos e dos grandes do século XX, possa salvar o humano que pulsa em nós e em tudo?

Porém, um aspecto é um fato: o capital, se desinstala e destrói formações sociais, pode também acelerar a própria desapropriação dos meios de produção que ele ajuda o capitalista a se apropriar. Nesse sentido, Bensusan chama a atenção: “o capital é um acelerador; acelera a produção - traz à tona novas forças de produção, registra com uma simplicidade que a escrita não alcança, distribui com uma fluidez que ultrapassa amarras

tarifárias, legais, culturais ou geográficas. Ele acelera também a desapropriação” (BENSUSAN, 2020, p. 92). Com isso, poderíamos afirmar que o capital, paradoxalmente, pode ser aliado e vilão, dependendo da posição assumida. Nick Land diz que o capital é um agente de derretimento (cf. BENSUSAN, 2020, p. 92), e isso é interessante, já que, se afirmamos que o capital pode ser destruidor, pode ser ao mesmo tempo transformador de realidades, o que, segundo as teorias marxistas, é essencial num ideal social de revolução. E isso é interessante, já que revela que o capital tem vida própria e nem mesmo os capitalistas, que pensamos serem os donos e controladores do sistema, tem controle sobre esse vitalismo do capital: “os patrões são capitalistas não porque são protegidos pelo capital, mas porque vivem de explorar seu fluxo. Eles são mais como surfistas das ondas deste desconhecido intrépido do que marinheiros experientes rumando a um sítio seguro” (BENSUSAN, 2020, p. 92).

Acreditar, com certas evidências e espectros que nos rondam dos rostos do capitalismo, num capital que pode querer ser mais justo parece ser ingenuidade, já que de igualdade e justiça não vemos sinais tão claros quando se trata da economia capitalista, e por isso cabe perguntarmo-nos sobre uma questão central: até que ponto o poder de derretimento do capital, do qual fala Nick Land, é positivo ou negativo e a quem cabe o efeito de tal derretimento (seja de destruição, seja de transformação)? O capital, na dinâmica aceleracionistas pode ser remédio ou veneno (cf. BENSUSAN, 2020, p. 102).

Podemos, seguindo a própria lógica do marxismo e *d’O anti-Édipo*, afirmar que a aceleração de processos e fluxos em favor do proletariado ou dos submetidos pelo sistema possa ser algo justo, já que isso seria um meio de enfraquecer ou inverter o sistema:

“Nesse sentido, o aceleracionismo marxista não é tanto uma pulsão irracional para aumentar a velocidade de um sistema que se acredita estar condenado à sua própria autodestruição, mas, sim, um projeto orientado à reconfiguração das principais forças que tal sistema desencadeou para empregá-las em sua própria subversão e dismantelamento.” (CASERO, 2020)

Logo, dependendo das forças e do uso de tais forças do capitalismo, poderíamos pensar na subversão da opressão das classes ou das formas sociais, porém este é um processo complexo. Acelerar seria liberar as forças para moverem-se para além das

imposições do sistema (Cf. SRNICEK; WILLIAMS, 2014, p. 278), porém, se o capital possui aquela autonomia de sua fluidez própria, como poderíamos pensar um controle desses fluxos que, muitas vezes, os capitalistas, que são os que tem nas mãos certo controle da máquina, não podem nem conseguem fazer?

Um outro ponto desenvolvido pela corrente de pensamento aceleracionista, e que é uma de suas características principais, é a ideia de que nada é possível fora dessa relação com o capital que hoje domina todas as relações sociais.

“o aceleracionismo se contrapõe, sobretudo, a teorias e propostas político-teóricas que sustentem ser possível colocar-se fora da relação do capital, como se houvesse alguma utopia pré ou pós-capitalista a que pudéssemos nos apegar, como um depósito de pureza.” (SHAVIRO, 2014, p. 281)

De fato, sendo realistas e não ingênuos, o capital é aquele personagem do qual não podemos prescindir em nossas discussões e pode ser uma resposta ou alternativa para os rostos e os modos mais violentos que o capitalismo tem assumido atualmente, como é o caso do neoliberalismo radical: “o aceleracionismo é uma resposta nova a condições específicas do capitalismo hoje, neoliberal, globalizado e em rede. É uma crítica solidamente enraizada no pensamento marxista tradicional. O próprio Marx escreve tanto dos efeitos revolucionários do capital, quanto das contradições que o tornam inviável” (SHAVIRO, 2014, p. 282-283).

Por conseguinte, depois de nos aproximarmos dessa caracterização de um dos movimentos que nasce e se inspira a partir das aberturas e linhas abertas pelo *O anti-Édipo*, podemos intuir que, de fato, o capitalismo como problema mobiliza máquinas e pensamentos alternativos que tentam dar novas visões acerca do socius contemporâneo mundial, já que o fluxo contínuo do capital abala concepções antigas e, perigosamente, pode assumir o remo do barco e levar o pensamento por caminhos não tão interessantes

“Na medida em que o capitalismo abala profundamente as bases materiais da vida, ele também desmistifica e desencanta; ele destrói antigas explicações míticas e as legitimações anteriormente usadas para justificar o nosso lugar na sociedade e no cosmos.” (SHAVIRO, 2014, p. 282-283)

Mas a própria aceleração, como já dissemos, tem seus riscos. Vamos agora, num próximo passo de nosso ensaio, imaginar como seria pensar o capitalismo de um modo menos acelerado, isto é, a partir do pensamento não mais dos britânicos, os precursores do modo de produção capitalista, mas sim dos povos ameríndios, fabular uma ideia de desaceleração, a partir de conceitos indígenas e de pensamentos selvagens. Aqui mobilizaremos, sobretudo, as intuições de Eduardo Viveiros de Castro, que relendo *O anti-Édipo* propõe uma análise a partir de outros conceitos e concepções.

DESACELERAR? SOBRE OS OUTROS MUNDOS AMAZÔNICOS

“Os corpos são marcados, codificados, mas muitas moléculas vivas os excedem” (GUÉRON, 2020, p. 90)

Pensar no sistema capitalista a partir das mentes ocidentais e sentir seus efeitos e fluxos a partir dos corações/paixões dos europeus é muito diferente do que seria pensar e sentir com os povos indígenas da Amazônia brasileira, por exemplo. O primeiro aspecto apresentado por Viveiros de Castro e que interfere diretamente nas temáticas que estamos abordando é o tema de que nas cosmologias e metafísicas ameríndias os mundos são plurais, são muitos e intensivos, diferentemente do Mundo Uno e Extensivo que estamos habituados a viver e com o qual o próprio capital conviveu e no qual se desenvolveu.

As intensidades, devires e disjunções são conceitos presentes em Capitalismo e Esquizofrenia que, a partir de Viveiros, nos ajudam a ter uma experiência com pensamentos selvagens que mobilizam outras categorias e desinstalam as seguranças do pensamento ocidental. Os pensamentos ameríndios tem outros objetos: “o objeto cuja existência aqui se afirma são os conceitos indígenas, os mundos que estes conceitos constituem (mundos que assim os exprimem), o fundo virtual de onde eles procedem” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 219).

E se as questões forem relacionadas a essa saída do percurso para entrar em diálogo com outras dimensões que animam os mundos plurais? Sair do Mesmo que envolve toda a questão filosófica e econômica ligada ao Capitalismo e seguir em outros

fluxos que podem desestabilizar as seguranças de nossos conceitos tão europamente formados?

“Apesar do fato que chegamos num ponto onde as relações capitalistas de propriedade se tornaram onerosos ‘fardos diante do modo de produção’, o mesmo que, inicialmente, as havia posto em movimento; - esse fardo não mostra sinais de ser descarregado. A intensificação das contradições do capitalismo não levou a uma explosão, a nenhuma ‘negação da negação’. A ‘casca capitalista’ falhou em ‘explodir em pedaços’; na realidade, ela calcificou como uma carapaça rígida, apertando de maneira sufocante a vida dentro dela.” (SHAVIRO, 2017, p. 284)

A vida pode extrapolar os limites do sistema, e é justamente essa fuga do controle que é o que podemos intuir das máquinas desejantes, do inconsciente maquínico de Deleuze e Guattari. O capitalismo como tendência tenta incluir tudo dentro dele para que possa controlar todos os sujeitos e o Mundo, porém nos mundos ameríndios, as relações são com o Exterior constituinte, um Fora e um Outro que interferem diretamente nos rumos assumidos pelo Atual e Presente. É como pensar o plano de fundo virtual que tudo influi.

A chamada de atenção para tal desaceleração consistiria, talvez, nessa abertura a outras agências para um renovado animismo de todas as coisas², fazer extrapolar a humanidade que se encontra encerrada na vida humana e assumi-la como expandida; “(...) a ingrata tarefa de reencarnar o mistério da encarnação e de celebrar o milagre da agência” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 200);

2 “Uma ‘ontologia plana’ (Referência a DeLanda, em *Intensive Science and Virtual Philosophy*), enfim, onde o real surge como multiplicidade dinâmica imanente em estado de variação contínua, como um metassistema longe do equilíbrio, antes que como manifestação combinatória ou implementação gramatical de princípios ou regras transcendentais, e como relação diferenciante, isto é, como síntese disjuntiva de heterogêneos, antes que como conjunção dialética (‘horizontal’) ou totalização hierárquica (‘vertical’) de contrários. A essa planaridade ontológica vem corresponder uma epistemologia ‘simétrica’ (Referência a Latour, em *Jamais fomos modernos*): assiste-se ao colapso, na verdade, da distinção entre epistemologia (linguagem) e ontologia (mundo), e à progressiva emergência de uma ‘ontologia prática’ (Referência a Jensen, em *A Nohumanist Disposition: On performativity, practical ontology and intervention*) dentro da qual o conhecer não é mais um modo de representar o desconhecido, mas de interagir com ele, isto é, um modo de criar antes que um modo de contemplar, de refletir ou de comunicar (Referência a Deleuze e Guattari, em *Que é a filosofia?*). A tarefa do conhecimento deixa de ser a de unificar o diverso sob a representação, passando a ser a de ‘multiplicar o número de agências que povoam o mundo’ (Referência a Latour, em *Not the question*) (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 111-112)

“Os humanos não apenas conhecem os não-humanos, mas tratam com eles – entabulam negociações, contrastam narrativas, forjam alianças. (...) Uma imagem animista do conhecimento só pode ser uma em que o que é conhecido, conhece e conhecer é o resultado de um encontro, de um trato” (BENSUSAN, 2017, p. 23)

Aceitar uma ordem de intensidades e abrir-se a essas outras agências e animismos é reconhecer que os limites da humanidade não se encerram no Nós ou no Eu. Me pergunto se as discussões do Antropoceno não podem ajudar-nos, por exemplo, a crescer na sensibilidade de que o Humano já é, desde sempre, expandido, e a Terra (como veremos a seguir) agencia movimentos que não conseguimos mais controlar.

As distinções e dualismos tão frequentemente afirmados em nossos resquícios cartesianos ou kantianos ou estruturalistas podem dar lugar a uma ordem que não se interessa por tais divisões, como as realidades dos Mitos que deslocam polos e conectam opostos:

“Aqui caberia apenas acrescentar que se essa ordem intensiva não conhece distinção de pessoas nem de sexos, tampouco conhece qualquer distinção de espécies, particularmente uma distinção global entre humanos e não-humanos: no mito, todos os actantes ocupam um campo interacional único, ao mesmo tempo ontologicamente heterogêneo e sociologicamente contínuo (ali onde toda coisa é ‘humana’, o humano é toda uma outra ‘coisa’)” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 145)

O socius amazônico tem essa peculiaridade, assim como as relações sociais em outras sociedades às margens do capital, de ser imanente (e ao mesmo tempo, sem ser contraditório, transcendente) e plural (multiplicidades que povoam os mundos); mortos, espectros, plantas, animais, humanos...: “a humanidade permanece imanente, reabsorvendo a grande maioria dos focos de transcendência que se acendem sem cessar na vasta floresta densa, diversa e abundante que é o socius amazônico” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 179). O sistema amazônico, por possuir essas características peculiares, “está em ‘desequilíbrio perpétuo’, para usarmos a expressão de Levi-Strauss” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 180).

O que queremos também destacar é que, tanto Deleuze e Guattari como as Metafísicas com os quais estamos tratando aqui, olham para o desejo de uma maneira

distinta do que como os sistemas capitalista e psicanalítico olham; o desejo não é falta ou dívida, mas sim produção pura: “em *O anti-Édipo*, Deleuze e Guattari derrubam o pilar central do templo da psicanálise, a saber, a concepção reacionária do desejo como falta, substituindo-o por uma teoria das máquinas desejantes enquanto pura positividade produtiva que deve ser codificada pelo socius, a máquina de produção social”. (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 113). Sobre esse ponto aprofundaremos quando tratarmos dos conceitos de filiação e aliança.

CONTRATO OU DOM?

“O desejo ignora a troca, ele só conhece o roubo e o dom” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 246)

As sociedades do desejo superam a frieza dos contratos. A partir disso, outra curiosidade, que podemos buscar nas experiências etnológicas (seguindo o exemplo tão frequentemente usado na construção dos argumentos d’*O Anti-Édipo*) é observar como funcionam, por exemplo, as trocas desenvolvidas nas sociedades onde o capitalismo não tinha ainda sua influência: o *Kula*, tão belamente descrito nos relatos de Bronislaw Malinowski, dos povos do Pacífico Ocidental, ou o *Potlatch*, dos povos indígenas da América do Norte, descrito por Franz Boas e Marcel Mauss. As trocas envolvem não apenas aqueles interesses do Capital, mas pressupõem outras dimensões importantes de uma economia e metafísica social, que supera o mero contrato e ensinam sobre o dom. Contra a acumulação, o dispêndio, algo que no capitalismo ferrenho não há tanto espaço. O intercâmbio Kula, por exemplo,

“(…) não constitui, de maneira alguma, uma forma de transação estritamente comercial; ele nos mostra que essa modalidade de troca não se fundamenta num mero cálculo utilitário de lucros e perdas; e que ela vem de encontro a necessidades emocionais e estéticas de ordem mais elevada que o simples atendimento aos requisitos da natureza animal.” (FRAZER, 1976, p. 11)

Para que, como faz a máquina capitalista, contratualizar todas as relações sociais, como se o controle fosse o mais importante? Nos socius indígenas há um bloqueio que se dá espontaneamente às estruturas e constituições impostas, já que a exterioridade absoluta dos Outros questiona aquela interioridade própria dos Sujeitos Modernos, base econômica e social de nossos sistemas.

As fronteiras que dividem pessoas, nações, povos, são dissolvidas pelo Capital, porém, pelos contratos, tais fronteiras insistem em existir. Nas metafísicas ameríndias as fronteiras entre espécies, entre o humano e o não-humano³, dadas como evidentes na Cultura, se dissolvem e abrem outra dimensão: “a afinidade intensiva atravessa as fronteiras entre as espécies: animais, plantas, espíritos, outros povos e etnias de incerta humanidade, todos se acham implicados em tais relações sintético-disjuntivas com os ‘humanos’ (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 204-205).

O intercâmbio que se dá nos devires e transformações, rizomas⁴ (aspecto bem mais aprofundado em *Mil Platôs*, o segundo volume de *Capitalismo e Esquizofrenia*)⁵ constituem um novo fluxo do roubo e do dom, daquilo que não pode ser controlado pelas transações troquistas; “nos corpos sempre há um excesso de onde os movimentos produtivos, devires, que provocarão as rupturas (linhas de fuga) vão surgir (Cf. GUÉRON, 2020, p. 90). E dos corpos, esses corpos que nós, os ocidentais filhos da modernidade aprendemos a ignorar para salvar o Espírito, os povos indígenas entendem e experimentam de forma muito mais intensa e sublime. Enfim, estamos diante de um socius diverso e alternativo, que insiste, mesmo sob as formas do capital, em mostrar suas singularidades.

“Não estamos tampouco no elemento do contrato social. Mas, como no caso da aliança, há troca e troca. Há uma troca que não pode ser dita ‘échangiste’ no sentido capitalista-mercantil do termo, já que pertence à categoria do roubo e do dom: a troca característica das ‘economias do dom’, precisamente a aliança estabelecida pela troca de dons, movimento perpétuo alternado de dupla captura, onde os parceiros comutam (contra-alienam) perspectivas invisíveis

3 “(...) a afinidade constitui a ‘armação’ do mito. Essa armação ou moldura contém uma variedade de personagens. Em particular, ela é povoada de afins animais. (...) E precisamente essa aliança com o não-humano que define ‘as condições intensivas do sistema’ na Amazônia.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 208)

4 Sobre o Rizoma, ver a Introdução de *Mil Platôs*. cf. DELEUZE; GUATTARI, 2020.

5 “O devir afirma a relação como pura exterioridade, como extração dos termos das séries a que pertencem, sua entrada em rizoma: ele pede, não uma teoria das relações fechadas dentro dos termos, mas uma teoria dos termos como abertos às relações.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 197)

mediante a circulação de coisas visíveis: é o 'roubo' que realiza a síntese disjuntiva imediata dos 'três momentos' do dar, receber, retribuir" (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 193)

Deleuze e Guattari fazem oposição a esse socius troquista que se constitui em relações somente de troca e circulação de mercadoria. Existe um contraste significativo entre as socialidades do dom e aquelas que se baseiam na mercadoria. As do dom entendem mais de relacionalidade e devir, ao passo que as da mercadoria são especializadas em individualidade e sistematizações.

"Se é desejável, e mesmo necessário, fazer essa distinção entre a produção necessitada da economia política e a produção desejante da economia maquínica, a produção-trabalho e a produção-funcionamento, pode-se argumentar por analogia que seria igualmente interessante distinguirmos entre uma aliança-estrutura e uma aliança- -devir, uma troca-contrato e uma troca-metamorfose. Essa distinção permitiria isolar e descartar a concepção contratualista da aliança, ao jogar com a homonímia deliberadamente equívoca entre a aliança intensiva das sociocosmologias amazônicas (por exemplo) e a aliança extensiva das teorias clássicas." (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 262-263)

Aqui destacamos o caráter canibal da filosofia política e econômica dos indígenas, ponto que será desenvolvido em investigações posteriores, que consiste em uma economia de predação e alteridade que rege e baseia todas as relações sociais na Amazônia; o próprio corpo social é constantemente modificado e constituído por elementos simbólicos que vem desde Fora, do Exterior, do Inimigo, sendo portanto difícil fechar-se, numa interioridade estável, as relações que, pela metafísica da predação, tendem a ser sempre fluidas.

FILIAÇÃO OU ALIANÇA? UMA QUESTÃO TEÓRICA.

"O anti-Édipo faz uma releitura de duas categorias mestras da teoria clássica antropológica do parentesco, a aliança e a filiação" (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 106)

Um ponto delicado, porém de extrema importância para entender a leitura canibal *d'O Anti-Édipo em Metafísicas Canibais* é a leitura que ambos fazem da Teoria Clássica do Parentesco, ressignificando as categorias centrais de filiação e aliança, estabelecendo também um diálogo com a Psicanálise e a Economia Política desde a Filosofia e Antropologia. “Deleuze e Guattari afirmam, em oposição a Freud e a Lacan, que a falta é socialmente produzida e que, portanto, não faz parte de uma constituição dada, essencial e *a priori* do desejo, como quis majoritariamente a psicanálise” (GUÉRON, 2020, p. 85). A filiação sempre esteve ligada à ideia de que a descendência é se dá naturalmente, movida pela falta que é o desejo. Porém, observa Viveiros de Castro, que nas sociedades amazônicas, baseadas nos devires e multiplicidades, ocorre um movimento diferente nas constituições societárias: “as multiplicidades são assim sistemas cuja complexidade é ‘lateral’, refratária à hierarquia ou a qualquer outra forma de unificação transcendente - uma complexidade de aliança antes que de descendência, (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 118)⁶; contra a ideia de organização social, há um movimento intrínseco de desequilíbrio que leva a questionar a rigidez das relações sociais.

“Se a teoria dos grupos de descendência tinha seu fundamento nas ideias de substância e identidade (o grupo enquanto indivíduo metafísico), e a teoria da aliança de casamento, nas ideias de oposição e totalização (a sociedade como totalidade dialética), a perspectiva aqui sugerida procura na obra de Deleuze e Guattari alguns elementos para uma teoria do parentesco enquanto diferença e multiplicidade (a relação como disjunção inclusiva)” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 134)

Deleuze e Guattari, analisando o caminho feito por Lévi-Strauss, desde a proibição do incesto até as condições de sociabilidade, rejeitam a ideia de que essa proibição é constitutiva e argumentam isso desde o complexo de Édipo (Cf. VIVEIROS

⁶ “A lateralidade maquina e rizomática da aliança está muito mais próxima da filosofia deleuziana que a verticalidade orgânica e arborescente da filiação. O desafio, então, é o de se retirar a aliança do controle gerencial da (e pela) filiação, liberando assim suas potências “monstruosas”, isto é, criativas. A questão, portanto, não é a de revelar a verdade nua da produção por debaixo do véu hipócrita da troca e da reciprocidade, mas, antes, a de libertar estes conceitos de suas funções equivocadas dentro da máquina da produção filiativa e subjetivante, devolvendo-as a seu elemento (contra)natural, o elemento do devir. A troca, ou a circulação infinita de perspectivas - troca de troca, metamorfose de metamorfose, ponto de vista sobre ponto de vista, isto é: devir.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 263)

DE CASTRO, 2018, p. 135). A máquina social, vista como existente com a finalidade de controlar e codificar os fluxos de desejo, vai muito além disso. “Deleuze e Guattari propõem uma concepção ao mesmo tempo inscritora – ‘o socius é inscritor’, sua tarefa é marcar os corpos, a circulação é uma atividade secundária (1972: 217-ss) e produtora: ‘Tudo é produção’. (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 137). Este ponto aprofundaremos na investigação. Segundo Viveiros, já fazendo sua leitura da obra dos franceses, *O anti-Édipo* segue dentro de um edipianismo, já que se centraliza ainda na concepção antropocêntrica das relações sociais e de parentesco e na passagem da Natureza para a Cultura, o dualismo fundamental da Antropologia Clássica. (Cf. VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 138). O diálogo entre o filósofo/psicanalista e o antropólogo pode ser desenvolvido no ponto em que querem fortalecer uma energia de aliança, tirando o primado da energia de filiação e analisando essa aliança a partir da disjunção e do devir. (Cf. VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 183)

Neste aspecto se estabelece uma relação entre os conceitos motrizes de devir, central no Mil Platôs, e produção, central n’*O anti-Édipo*, isso porque ambos são os que mobilizam a crítica à representação:

“(...) o dispositivo antirrepresentativo por excelência dos Mil Platos, aquele que bloqueia o trabalho da representação, é o conceito de devir, exatamente como a produção era o dispositivo antirrepresentativo d’O anti-Édipo. Produção e devir: dois movimentos distintos, então. Ambos envolvem a natureza, ambos são intensivos e pré-representativos; em certo sentido, eles são dois nomes de um só movimento, pois o devir é o processo do desejo, o desejo é a produção do real, o devir e a multiplicidade são uma coisa só, o devir é um rizoma, e o rizoma é o processo de produção do inconsciente.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 185-186)

Entre o devir/produção e a filiação há algo que não combina, porque “filiação é administrativa e hierárquica, mas a aliança é política e econômica, e exprime o poder enquanto este não se confunde com a administração” (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 195). Por isso a aliança ocupa lugar importante na constituição social a partir dessa leitura: “o Universo não funciona por filiação... Se ele não funciona por filiação, somos levados a suspeitar que é possível que ele funcione por aliança” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 187).

Sobre as alianças dos povos ameríndios, vale destacar que não se limitam à dimensões culturais ou sociopolíticas, senão que ultrapassam esses limites e tornam-se alianças intensivas, contra-naturais e cosmopolíticas (Cf. VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 189): “Quando um xamã ativa um devir-jaguar, ele não "produz" um jaguar, tampouco se "filia" à descendência dos jaguares: ele adota um jaguar; ele coopta um jaguar - ele estabelece uma aliança felina:” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 189)

Um elemento mágico e real entra em cena, complementando-se às dimensões já comuns à nossa sociedade, já que, se pensamos a aliança como força contra-natureza e cosmopolítica, tensionamos a interioridade de nossos sistemas e exigimos que se expandam as concepções tradicionais da organização social fundada nas proibições e relações já dadas como naturais e comuns. A aliança não é uma forma, e sim uma força (cf. VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 193).

Na Amazônia e em suas metafísicas, a afinidade e alteridade são hostis à filiação; “a interiorização canibal - literal ou figurada - do outro é condição da exteriorização de todo Eu, um Eu que se vê, destarte, ‘autodeterminado’ pelo inimigo, isto é, como inimigo. Este é o devir-outro intrínseco à cosmopraxis amazônica.” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 206). As trocas são determinadas por supresas que os contratos, o direito, os acordos não estão preparados para suportar. Toda organização, seja política, econômica ou familiar, que se baseia no fluxo dos ameríndios tende a dissolver-se sob a pressão dessas outras forças e potências.

“(...) a ideia de uma afinidade potencial como categoria cosmológica de fundo na Amazônia indígena constituiu-se, do ponto de vista de seu quadro teórico e etnográfico de referência, em ruptura com a imagem ‘troquista’ do socius. (...) O roubo, o dom, o contágio, o dispêndio e o devir: é dessa troca que se tratava. A aliança potencial é o devir-outro que circunscreve e subordina o parentesco amazônico” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 213)

Entendermos toda a sociedade, ou melhor, as sociedades como sendo devires e intensidades é crer que as filiações são vencíveis. Como diziam os autores de Mil Platôs e o reafirma Viveiros de Castro: “a filiação é imaginária e projeta um Estado, e toda aliança intensiva é uma aliança contra o Estado e contra os germes de uma transcendência filiativa” (VIVEIROS DE CASTRO, 2018, p. 206). E aqui passamos para um último ponto, prático, que gostaríamos de abordar a partir do que viemos observando nas páginas

desse ensaio, que é o problema do Estado e de sua ‘aliança’, num outro sentido que este que estamos vendo, com o Capital, e como tal união é destruidor de naturezas, de vidas, de fluxos, de mundos.

APÊNDICES: UM TEMA PRÁTICO - A QUESTÃO AMBIENTAL PARA UM NOVO SOCIUS

“(...) o Império como a máquina planetária em cujas entranhas realiza-se a união mística do Capital com a Terra – ‘globalização’” (VIVEIROS DE CASTRO, 2007, p. 92)

“(...) a máquina estatal atua para desfazer as formas de organização das nossas sociedades, buscando uma integração entre essas populações e o conjunto da sociedade brasileira.” (KRENAK, 2019, p. 21)

Retornamos aqui a um dos primeiros problemas que levantamos: o capitalismo como um monstruoso problema, e, aqui, na sua aliança com o Estado, constituindo a globalização e assumindo ainda mais força.

No Acampamento Terra Livre, onde os povos indígenas do Brasil se conectam para aliançar-se contra a poderosa aliança do Estado-Capital, os atores indígenas e seus ancestrais e forças metafísicas se unem numa só voz, nas terras que insistem em ser símbolo de justiça, justiça esta que não se concretiza, para reclamar o socius que lhes foi arrancado: luta por recuperar Território, Relação. Este ano de 2023 a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) decretou estado de emergência climática e na Carta que institui o decreto dizem:

“O planeta inteiro, a Mãe Terra está adoecida, clamando por cura. Ser salva das doenças que o modelo de desenvolvimento predatório, baseado na acumulação, no lucro e no consumismo insaciável causaram. (...) Nós estamos cuidando e fazendo nossa parte... graças à relação espiritual e harmoniosa que mantemos com a Mãe Natureza, da forma como aprendemos dos nossos ancestrais e dos nossos encantados” (APIB, 2023)

Os povos indígenas, sem dúvida, são cuidadores daquilo que o capitalismo transformou em coisa para conseguir lucro.

De qualquer modo, além do fato de que eles permanecem sendo um componente crucial da megacultura demótica das três Américas e como tal capazes de originarem poderosas e inesperadas linhas de fuga de impacto mundial, uma coisa é certa: os coletivos ameríndios, com suas populações comparativamente modestas, suas tecnologias relativamente simples, mas abertas a agenciamentos sincréticos de alta intensidade são uma figuração do futuro, não uma sobrevivência do passado. Mestres da bricolagem

tecnoprimitivista e da metamorfose político-metafísica, eles são uma das chances possíveis, em verdade, da subsistência do futuro (VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI, 2017, p. 164-165)

As naturezas, que convivem conosco, sofrem as consequências daquelas ações sem senso de responsabilidade que, hoje, são sentidas por gerações novas. O próprio Manifesto Aceleracionista que vimos, em partes, anteriormente, reconhece a emergência climática e a responsabilidade que o sistema capitalista tem, em sua relação predatória com os recursos naturais (que, como vimos, nas cosmovisões ameríndias não se tratam apenas de recursos, mas de mundos, espíritos):

“ainda mais significativa, é o colapso do sistema climático do planeta. Com o tempo, se ameaça a continuação da existência da população humana em todo o globo. (...) O esgotamento terminal de recursos, especialmente das reservas de água e energia, oferece uma perspectiva de fome em massa, colapso dos paradigmas econômicos e novas guerras frias e quentes. A incessante crise financeira levou governos a abraçar espirais mortíferas de políticas de austeridade, privatização de serviços do estado de bem-estar social, desemprego em massa e estagnação salarial. A automação crescente nos processos produtivos, inclusive no trabalho intelectual, evidencia a crise secular do capitalismo, em vias de se tornar incapaz de manter os atuais padrões de vida mesmo para as antigas classes médias do norte global.” (SRNICEK, WILLIAMS, 2014, p. 269)

O Capitalismo, no auge de sua aceleração de primeira onda, não mediou esforços em destruir e acumular, enriquecendo as grandes burguesias do Norte, mas para isso os povos foram explorados. O Sujeito/Espírito Todo Poderoso, senhor de tudo, se eleva e se põe Soberano por meio do Sistema Instituído: “o Homem como aquele ser que, emergindo de seu desamparo animal originário, perdeu-se do mundo apenas para melhor voltar a ele como seu senhor” (VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI, 2017, p. 47). Desse Soberano, surge o Capital e o Estado que, unidos numa conexão injusta e cruel

legisla e controla as forças: “A Humanidade legisladora parece liberada de sua condição natural e animal, segundo a concepção moderna de Homem (Kant é um ícone desta concepção) porque seria capaz de elevar-se e conquistar a Natureza” (PACHECO, 2022, p. 30)

Na conexão que falamos, O Estado é reprodutor do sistema capitalista porque institucionaliza econômica, legal e juridicamente a lógica e os interesses do capitalismo. Aquelas alianças das quais falávamos no apartado sobre a desaceleração, são anteriores e mais fundamentais quando pensamos no socius. O Estado somente é mais um mecanismo da captura.

Diante da convicção de que o capitalismo avança em direções não tão satisfatórias, já que o neoliberalismo vem tomando todo o panorama, trazemos as alternativas que parecem ser plausíveis. O próprio aceleracionismo mais conservador, do Manifesto, aposta numa mudança de modo de produção do sistema e chama a atenção para o futuro dos mundos, aquele tempo que nunca fomos capazes de mirar com atenção:

“O futuro precisa ser construído. Ele foi demolido pelo capitalismo neoliberal e reduzido a uma promessa barata de grande iniquidade, conflito e caos. O que o aceleracionismo estimula é um futuro que é mais moderno – uma modernidade alternativa que o neoliberalismo é inerentemente incapaz de gerar. O futuro deve ser aberto mais uma vez, ampliando nossos horizontes para as possibilidades universais do Lado de Fora.” (SRNICEK, WILLIAMS, 2014, p. 278-279)

Num futuro aberto, com possibilidades, é possível intuir e imaginar saídas, e muitas alternativas serão necessárias para reverter uma situação de crise ambiental. Desde a história, vemos que as máquinas do capital destroem e hoje continuam a destruir as Naturezas, assumindo-as como coisas a serem tornadas úteis, como se em seu estado natural não fossem nada. Krenak⁷ (2019), afirma que nossa sociedade desaprendeu as coisas simples, pelo fato de que transformamos nossas subjetividades e consciências em mercadorias.

7 Ailton Krenak foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras, primeiro indígena a ocupar tal lugar.

“Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado.” (KRENAK, 2019, p. 15-16)

Enfim, com os povos deveríamos aprender, contra o sistema capitalista ou até contra os movimentos aceleracionistas que tem muita fé nas artimanhas do capital, que a solidariedade entre-espécies teria que ser um imperativo ético na atualidade e no porvir.

“A solidariedade ontológica da ‘espécie humana’ com os demais povos, coletivos e interesses que povoam, disputam e constituem a Terra não é, para muitos povos não-modernos, a consequência inerte de uma história natural, mas um dado ativo da história social do conjunto do vivente enquanto atualização diferenciada da potência antropomorfa pré-cosmológica” (VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI, 2017, p. 101-102. 115).

E diante do aspecto quase que inevitável de um futuro que vem com as marcas de um passado de destruição, com a fúria de agências vitimadas por séculos por um sistema Humano demais para ser humano, deveríamos com os povos, aqueles da desaceleração, os povos menores, aprender a constituir ou reconhecer novos e muitos mundos, imaginar, com eles, possibilidades.

“Há muitos mundos no Mundo. Dizíamos que temos muito que aprender com esses povos menores que resistem em um mundo empobrecido, que nem sequer é mais o seu. [...] Falar no fim do mundo é falar na necessidade de imaginar, antes que um novo mundo em lugar deste nosso mundo presente, um novo povo; o povo que falta. Um povo que creia no mundo que ele deverá criar com o que de mundo nós deixamos a ele” (VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI, 2017, p. 162. 165).

CONSIDERAÇÕES

Poderíamos, ao fim de um percurso, que na verdade, não termina aqui, mas se abre, por se tratar de um escrito aberto de uma investigação em curso, que a aventura do pensamento filosófico está em conectar e agenciar hipóteses, em ativar e desenvolver conceitos a partir de problemas concretos.

Falar de Capital, desde que as Revoluções na Europa criaram e fizeram nascer um monstro e uma máquina destruidora, é se preocupar com o passado, o presente e o futuro. Marx, um mestre que deveria ser companheiro de nossas investigações e aventuras intelectuais, foi um desses que, tão movido por tal realidade do capitalismo, desenvolveu ideias que até hoje são espectros que mobilizam, criam, incomodam, constroem, agenciam.

Desde este solo que pisamos, o solo do capitalismo, podemos nos aproximar, desde essa chave de leitura, desse dado que interpela e que faz pensar. Os que afirmam que acelerar é o caminho, tem suas razões e, com certeza, não estão totalmente equivocados. Quem deseja permanecer, lentamente, sob a pressão e opressão de um sistema que destrói e mata, que divide e é injusto? Os gritos da justiça exigem respostas rápidas e urgentes.

Porém, como estamos tão acostumados a nos escutarmos somente a nós mesmos, nossos discursos, nossos argumentos e verdades, que nem são tão nossos, mas do que pensaram antes de nós, esquecemos que há outras sabedorias, outros mundos, Outros, que nos interpelam a pensar diferentemente. E *O anti-Édipo*, ao assumir uma leitura dissidente, marginal, trazendo outras realidades sociais do Fora, também pode ser uma inspiração para buscarmos, Fora no Nós, novos ares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2011

VIVEIROS DE CASTRO, E. *Metafísicas Canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu Editira, n-1 Edições, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. São Paulo: Editora 34, 2020.

GUÉRON, R. *Capitalismo, Desejo e Política: Deleuze e Guattari leem Marx*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020.

BENSUSAN, H. N. O Capital Transversal e a seus rebentos atrativos - ou a infância das máquinas. *Revista Direitos, Trabalho e Política Social*, v. 6, n. 10, p. 88–109, 2020. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/9305>.

(Acesso em: 6 out. 2023).

- _____. *Linhas de animismo futuro*. Brasília: IEB Mil Folhas, 2017.
- LAND, N. *Fanged Noumena: Collecting Writings 1987-2007*. Falmouth UK: Urbanomic, 2011.
- FRAZER, J. G. *Prefácio*. In MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Trad. Anton P. Carr. São Paulo: Victor Civita, 1976.
- SHAVIRO, S. Sobre o aceleracionismo. Trad. Bruno Cava. *Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, n. 41, pp. 281-292, 2014.
- SRNICEK, N.; WILLIAMS, A. Manifesto Acelerar: por uma política aceleracionista. Trad. Bruno Stehling. *Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, n. 41, pp. 269-279, 2014.
- PACHECO, G.A. Quando tudo é humano. *Dignidade Re-vista*, v. 9, n. 14, pp. 24-36, 2022.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. Filiação Intensiva e Aliança Demoníaca. *Novos Estudos*, n. 77, v. 1., pp. 91-126, 2007.
- VIVEIROS DE CASTRO, E.; DANOWSKI, D. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. 2 ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie, Instituto Socioambiental, 2017.
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2019.
- APIB. Carta Aberta do Acampamento Terra Livre 2023: Povos indígenas decretam emergência climática, 2023. Disponível em: <https://apiboficial.org/2023/04/26/povos-indigenas-decretam-emergencia-climatica-no-atl-2023-em-brasil/#:~:text=O%20decreto%20de%20emerg%C3%Aancia%20clim%C3%A1tica,no%20combate%20%C3%A0%20crise%20clim%C3%A1tica>. (Acesso em: 09/10/2023)
- BACKET, A. *Aceleracionismo: como uma filosofia marginal previu o futuro em que vivemos? Medium*. Trad. Materialismos, 2017. Disponível em: <https://medium.com/@ababeladomundo/aceleracionismo-como-uma-filosofia-marginal-previu-o-futuro-em-que-vivemos-fda234b8852> (Acesso em 08/10/2023).
- CASERO, J. L. *Aceleracionismo: por um controle proletário das tecnologias de produção*. IHU Unisinos, 2020. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/596532-aceleracionismo-por-um-controle-proletario-das-tecnologias-de-producao> (Acesso em 08/10/2023)